



Prefácio

Novamente a guerra. Sempre a guerra

Ricardo da Costa¹

At vero Christi milites securi praelientur praelia Domini sui, nequaquam metuentes aut de hostium caede peccatum, aut de sua nece periculum, quandoquidem mors pro Christo vel ferenda, vel inferenda, et nihil habeat criminis, et plurimum gloriae mereatur.

Mas os verdadeiros soldados de Cristo combatem confiantes nas batalhas do Senhor, sem nenhum temor de pecar por se colocarem em perigo de morte e matar o inimigo. Para eles, morrer ou matar por Cristo não implica qualquer crime, além de trazer a máxima glória.

Bernardo de Claraval, *LIBER AD MILITES TEMPLI DE LAUDE NOVAE MILITIAE*, III, 4.

Eu estou cansado da guerra. Abandonei-a há tempos. Em troca, passei lentamente a investigar o caminho da *Sabedoria*, isto é, a Filosofia. Por amor, ou, como diria Aristóteles, para ser livre, já que o estudo da ciência que tem como fim a si mesma é o mais digno de honra (*Metafísica*, I, 983a).

Contudo, o passado sempre retorna. No início desse ano de 2008, enquanto me recuperava de uma grave doença, alguns dedicados alunos instaram-me a fundar um projeto de pesquisa. Era sobre a guerra. Todos, sem exceção, desejavam estudar a violência na História. Do Império Romano aos bárbaros. E eu, que há quase quinze anos comecei minhas investigações mais aprofundadas sobre a Idade Média justamente com ela², a ela retornei. Talvez para fechar um ciclo. Pois estou cansado da guerra.

Portanto, a idéia desse volume da *Revista Mirabilia* nasceu da disposição histórico-belíca de cinco alunos. Três deles estão entre os articulistas. A perseverança dá frutos. A partir daí, convidei o maior medievalista espanhol, **José Ruiz-Domènec**, da *Universitat Autònoma de Barcelona*, que aceitou de bom grado ser o coordenador desse número. Agradeço-lhe sobremaneira sua generosidade, virtude cada vez mais rara nos dias de hoje. Seu texto

¹ Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), *Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona*, Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM). Site: www.ricardocosta.com. E-mail: ricardo@ricardocosta.com

² COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998.

introdutório, *Guerra y Caballería, una historia singular*, é um pequeno libreto mozartiano, pois Domènec pertence à melhor estirpe dos medievalistas, os da prosa perfeita. A la Georges Duby, ele mescla erudição e leveza, conhecimento e suavidade, literatura e arte. Uma entrada triunfal que antecede o desfile da guerra na História.

Assim, *Mirabilia 8 – La caballería y el arte de la guerra en el Mundo Antiguo y Medieval* abre seus artigos com **Michele Eduarda Brasil de Sá** (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e a imagem de César no *Bellum Africum*, seguida de **Raphael Leite Teixeira** e seu *Epitoma rei militaris*, de Vegécio (séc. IV d.C.).

Edmar Checon de Freitas (Universidade Federal Fluminense) nos traz uma vez mais suas reflexões sobre a Gália Merovíngia, sempre na visão de Gregório de Tours, enquanto **Renan Marques Birro** e **Jardel Modenesi Fiorio** avançam no tempo e analisam a imagem do guerreiro canídeo em dois documentos de períodos diferentes: a *Historia Langobardorum* (séc. VIII) e a *Egils saga* (c. 1230).

Gabriela Monti (Universidad Nacional del Sur, Argentina) investiga a guerra em *Waltharius*, poema hexamétrico do período carolíngio, e **Vinicius Cesar Dreger de Araújo** nos traz a importância de Judas Macabeu para a formação da cultura cavaleiresca medieval.

Sobre a Península Ibérica, os conterrâneos lusitanos **Franklin Pereira** e **Sérgio Carlos Ferreira** comentam o equipamento dos cavaleiros cristão e muçulmano e o personagem Trutesendo Guterres, infância português do século XI, respectivamente.

Da Itália, **Aldo C. Maturano** analisa a Veche (вече) de Novgorod após a revolução de 1136; **Luciano José Vianna** trata da formação cavaleiresca do rei Jaime I narrada em sua autobiografia *Llibre dels Fets* (c. 1252-1274), e **Tatiana Nunes Lemos** desenvolve o tema do ideal cavaleiresco a partir de sua leitura de duas obras do filósofo Ramon Llull, o *Llibre de contemplació* (c.1273-1274) e o *Llibre de l'Orde de Cavalleria* (c. 1279-1284).

Moisés Romanazzi Tôrres (Universidade Federal de São João Del-Rei) comenta o tema da paz e a guerra no *Defensor Pacis* (1324) do filósofo Marsílio de Pádua (c. 1280-1343), enquanto **Alice Tavares Durán** e **Mario Lafuente Gomez** (Universidad de Zaragoza) retornam à Península Ibérica para discutirem o estatuto de cavaleiros vilãos, peões e balesteiros em Portugal e o papel histórico do cavaleiro Pedro Jiménez de Samper durante o reinado de Pedro IV de Aragão (1347-1364).

A guerra na *Crónica del Rey Don Pedro* é o tema de **Cecilia Devia**, e Gawain na literatura artúrica castelhana o de **Antonio Contreras Martín** (Universitat de Barcelona).

Por fim, **Guilherme Queiroz de Souza** trata do *maravilhoso cristão* conquista de México-Tenochtitlán (1519-1521), **Luciana Fontes Parzewski** a expansão marítima portuguesa seiscentista nas crônicas de Gomes Eanes de Zurara, Fernão Lopes de Castanheda e João de Barros, e **María Laura Montemurro** termina nosso périplo belicista com o papel da *guerra como metáfora* na arte medieval para veicular os conteúdos da fé cristã, como a *psicomaquia* e São Jorge e o Dragão.

*

Há muito tempo, o eminente sociólogo Raymond Aron (1905-1983) nos ensinou que a guerra é a contraposição de vontades, um jogo, um ato político, uma prova, mas, sobretudo, um confronto de coletividades (*Paz e Guerra entre as Nações*). Ela sempre esteve presente na história humana – e segundo o psicólogo evolucionista Mark Van Vugt (Universidade de Kent) muito antes da escrita, desde há dezenas de milhares de anos – o que exigiu um alto grau de cooperação das sociedades.

Como fenômeno histórico, portanto, a guerra é uma constante da longa duração. Ela alicerçou as sociedades: todas as civilizações devem sua origem ao guerreiro, nos diz o historiador John Keegan. Ela atinge o mais profundo da psiquê humana, lugar em que os egos muitas vezes dissolvem a razão e fazem reinar a emoção. Como percebemos nesses dezenove artigos de *Mirabilia 8*, a guerra continua a despertar a paixão dos historiadores que, felizmente, a sublimam para a escrita. Oxalá talvez chegue o dia em que ela resida somente em nossas lembranças históricas. De minha parte, eu estou cansado da guerra. Abandonei-a há tempos.

Ricardo da Costa
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)